

A ALTERIDADE NA OBRA DE CLARICE LISPECTOR A PARTIR DA LEITURA DO CONTO *AMOR*

*Flávia Albergaria Raveli*¹

RESUMO:

Este artigo é uma leitura do conto “Amor”, de Clarice Lispector, a partir do conceito psicanalítico de “estranho-familiar”, do qual decorre a discussão sobre a alteridade na tradição psicanalítica. A psicanálise opera como um lugar de escuta da experiência de leitura da obra literária. O foco do trabalho localiza-se na relação entre obra e leitor, da qual derivam os elementos da metapsicologia.

PALAVRAS-CHAVE: Interpretação. Alteridade. Psicanálise. Literatura.

¹ Doutora em Psicologia pelo IPUSP, mestre em História pela USP. Professora de História com ampla experiência no ensino superior, psicanalista formada pelo CEP, atende um consultório particular. Email: flavinharaveli@gmail.com
Residente à rua Caio Prado, 340, ap. 21C, Consolação, cep. 013003-000 São Paulo. Telefone: 2528-4139

Neste artigo proponho uma leitura do conto *Amor* de Clarice Lispector. O conceito de “estranho” de Freud funcionou como chave de leitura do texto a partir da constatação de que esta noção encontra representação na obra da autora. Entendo que a psicanálise pode ser um lugar de escuta do texto literário, mas apenas e no limite das possibilidades do texto. É dele que devem decorrer os critérios de sua interpretação, e não de algum elemento alheio à narrativa. Não é meu objetivo discorrer sobre a teoria psicanalítica, mas identificá-la, de modo pontual, como elemento de escuta do texto.

Trata-se de um processo de construção de sentido entre o texto e o leitor/escritor, ou seja, do que resulta do encontro. O leitor é visto como escritor na medida em que produz um sentido para sua leitura. Deste ponto de vista, esta experiência aproxima-se à da análise, em que o sujeito é também convocado a buscar um novo sentido para si.

Na escuta do texto clariceano, interessa-nos investigar o traço de estrangeirice que a compreensão freudiana do “estranho/familiar” encerra. O ato de escrita e leitura, bem como a análise parece convocar a condição de deslocamento do sujeito sob a ótica da psicanálise.

A interpretação não equivale a uma tradução ou explicação da obra, mas uma “fala” direcionada “ao outro”, produzida a partir do encontro entre duas subjetividades, da obra e do leitor- intérprete. A questão da alteridade está na base dessa compreensão e do próprio ato interpretativo na medida em que a construção de um sentido pressupõe a consideração da diferença representada pelo objeto interpretado. O trabalho do intérprete implica em produzir um distanciamento com a obra, um “estranhamento”, na definição do psicanalista Luís Claudio Figueiredo. Trata-se de criar e explicitar um espaço simbólico para que se institua a produção de um sentido para a obra.

No artigo “O Estranho”, Freud afirma que *Unheimliche* é tudo o que deveria ter permanecido secreto e oculto, mas veio à luz” (Freud, 1919,p. 38). Da análise etimológica advém a noção freudiana de “duplo” que diz respeito à característica ao mesmo tempo íntima e estranha *no/do mesmo*. Para Freud, a inquietude deve-se ao “retorno do material recalçado (portanto conhecido), o qual volta sob a forma de algo desconhecido e assustador” (Hanns, 1996, p. 231). Cabe esclarecer que aquilo que retorna é um rastro, uma sobra do recalque original - efetivamente uma primeira exclusão que origina o inconsciente - a que remete todo recalque posterior. As pulsões exercidas pelas representações recalçadas dão notícia, para o sujeito, deste “núcleo escuro”, inacessível e irrepresentável que funda sua condição de “ser da falta”, do qual decorrem todas as formas de elaboração de sentido constituídas pelo sujeito ao longo de sua existência.

O estranho/familiar desdobra-se na diferença e na alteridade do próprio sujeito. A condição de indivíduo “deslocado” é potencializada no sintoma, nos sonhos, atos falhos, chistes e pela situação analítica. Nesta, analista e analisando vivenciam a condição de deslocamento como imprescindível para o próprio movimento analítico, tanto do analista – que deve estar, por definição, neste lugar de outro, para poder ocupar os lugares vários na transferência - como do analisando, o qual, em função do sofrimento causado pelo sintoma, pode vir a realizar um movimento criativo. Neste sentido, é possível considerar que a “estrangeirice” é uma condição ontológica com a qual o sujeito deve se haver por toda a vida num trabalho permanente de construção de sentido.

O tema do “estranho/estrangeiro” é mais do que recorrente na obra de Clarice Lispector e é característico desta literatura no seu conteúdo e aspecto formal, marcado pela desconstrução da semântica e da sintaxe. Na obra clariceana pouco resta intacto, perfeito ou acabado, ao contrário, a escritora faz do inacabamento, do “resíduo” - que nela, parece transbordar - sua matéria. O desfeito, o estragado e a “sobra” convertem-se, nesta obra, em texto literário.

O sujeito clariceano - a mulher, eminentemente - vive em constante travessia, no vir a ser, esta é sua condição permanente e ontológica. Na obra de Clarice, “como num quadro de Chagal”, nada está onde deveria: “A náusea é doce”, “a bondade, dolorosa”; “a fome sorri”, “as árvores riem”; “as coisas perecem, hostis” ela “adormece dentro de si”, o jardim “triturado pelos instantes”, “um mundo de se comer com os dentes, um mundo de volumosas dalias e tulipas”; “Era fascinante, e ela sentia nojo”, “Do mesmo modo como sempre fora fascinada pelas ostras, com aquele vago sentimento de asco que a aproximação da verdade lhe provocava, avisando-a” (...).

No conto *Amor*, a personagem Ana, *um pouco cansada* dá um suspiro de *meia* satisfação ao sentar no bonde com as compras do dia. Como o veículo vacilante nos trilhos, Ana vive entre instâncias inconciliáveis e antagônicas, cindidas, “metade (meia) lá, metade cá”, num equilíbrio a muito custo sustentado. Entre a vida “concreta” e seu mundo interior, estranho que espreita tão ameaçador quanto próximo, anterior à palavra, disforme como a massa branca da barata esmagada ou a matéria gosmenta do ovo. Como figura e fundo, direito e avesso. As oposições se sucedem no texto de Clarice Lispector e muitas vezes os elementos opostos não guardam qualquer coerência entre si, assim como definições empregadas pelo narrador não são definitivas. Ora a aparência aparece como algo verdadeiro, ora o escuro, o escondido, é assim identificado.

Na hora perigosa, as árvores riem, (...) com o tempo, seu gosto pelo decorativo se desenvolvera e suplantara a íntima desordem (...) a cada coisa se emprestaria uma aparência harmoniosa.

Os filhos são “bons” porque “coisa sumarenta, instantes completos” de afazeres e malcriações, aos quais se alinham o fogão, o apartamento, “coisas”. As árvores – apenas estas – crescem. A vida possível resume-se às tarefas precisas; a vida “real” está em outro lugar.

Há quem viva como quem trabalha, mas, para além – ou aquém – do trabalho, da continuidade e da persistência, da alegria até, há vida: “uma exaltação perturbada que tantas vezes se confundira com felicidade insuportável. Criara em troca algo enfim compreensível, uma vida de adulto. (...)”, feita pela mão humana que corta, organiza e classifica. O fazer, aqui, serve à ordenação dos objetos e dos afetos. Nesta instância alinham-se o casamento, o lar, a vida adulta que instaura um corte na juventude, *doença* de vida, que Ana deixa pra trás. Algo não pode ser integrado – sintoma? – tampouco simbolizado, por isso Ana deve se precaver, ela pressente o perigo.

À vida ordenada se contrapõe outra que Ana, em segredo, *anonimamente*, quase sem querer alimenta, como um bicho feroz que se deve manter enjaulado. “Quanto a ela mesma, fazia obscuramente parte das raízes negras e suaves do mundo. E alimentava anonimamente a vida”: no espanto pelos móveis que retornam empoeirados, pela ternura súbita que ela abafa, “com a mesma habilidade que as lides em casa lhe haviam transmitido. Saía então para fazer compras (...)”. Só então, saía. Mulher domesticada cuja aceitação lhe confere uma identidade socialmente reconhecida. Não o “continente negro”, a “natureza volúvel das marés”, mas a “mãe de família”, a “dona de casa” cumpridora de deveres. Em Freud e Lacan, o feminino é visto como diferença por excelência, alteridade em si, falta atualizada na pergunta sem resposta: o que quer uma mulher?

Entre a promessa, o desejo e a vida “real” há um abismo, uma separação infinita e aparentemente intransponível. Em Clarice, o cotidiano e os afazeres não encerram experiência alguma, não são dessa ordem, constituem um limite muito tênue que sustenta a existência e a realidade emolduradas num enquadre que contém, organiza e atribui “entendimento” àquilo que está para além da representação e do sentido e que, como tal, não pode ser integrado.

Qualquer coisa pode romper o delicado fio, a casca do ovo que separa lucidez e loucura, fazendo transbordar o plasma viscoso e disforme: a beleza, a ternura, a piedade, o

cego mascando chicletes. Experiências, sensações e sentimentos que atualizam a vida naquilo que pulsa e irrompe em meio às tarefas a cumprir. Desorganizando o “certo”, o previsível.

A visão de um o cego mascando chicletes opera em Ana um corte profundo no organizado, no “certo”, na vida, que tão a custo, ela mantém nos trilhos. Como par antagônico ao homem mascando a goma, Ana se lembra dos irmãos que iriam jantar - sua salvação? Os pares de opostos parecem suceder-se a partir do par primeiro, “coisa e palavra”, determinação para sempre alhures do sujeito potencializado no sintoma e sentido como “coisa externa” ao indivíduo.

Ana parece querer retornar a um estado primitivo de indiferenciação e plenitude, em que realidade/coisa e palavra não se distinguem. Ao mesmo tempo, ela constata a impossibilidade – e o perigo – de se deparar com algo inapreensível, anterior à possibilidade de representação. A palavra converte-se, então, em salvação e maldição, aquilo sem o que “não se é” e que, no entanto, encerra a existência na sua condição de tragicidade e finitude.

Então ela viu: o cego mascava chicles... . Um homem cego mascava chicles. Ana ainda teve tempo de pensar por um segundo que os irmãos viriam jantar – o coração batia-lhe violento, espaçado. (...) Mas o mal estava feito.

As compras, as tarefas do dia que conferiam equilíbrio a Ana, agora ruíam pelo chão do bonde, com um “(...) ar hostil e perecível... O mundo se tornava de novo um mal-estar. Vários anos ruíam, as gemas amarelas escorriam. (...) O mal estava feito”. Inscrição da diferença que rompe a semelhança e a ordem e adquire a marca da finitude e do estranhamento. Tudo está então por se fazer; nada é mais o que era. “Mesmo as coisas que existiam antes do acontecimento estavam agora de sobreaviso, tinham um ar mais hostil, perecível (...)”. Mas também o prazer: Ana “sofrendo espantada”, com gosto de náusea na boca – outro *estranho-familiar*, marca da diferença que irrompe como um corte no mesmo.

O ovo é um elemento constante na obra de Clarice Lispector. A oposição entre a perfeição do ovo, casca, clara e gema divididos e organizados e ovo quebrado, matéria viscosa e amorfa que irrompe no dia, na vida de Ana, lembrando-a que algo disforme e pegajoso sempre retorna. Em Clarice Lispector, o ovo parece atualizar a quebra e o rompimento brutal que o retorno do recalcado e a irrupção da diferença não integrada podem significar na existência. Ele parece metáfora do antes e depois, da queda que a experiência enseja e que constitui um corte sobre outro corte, o primeiro, que remete ao eminentemente infantil. Ora, Ana não é, nas suas indagações e exclamação, num modo muito singular de estar no mundo,

menina? Ela refere-se à juventude como *doença*, algo que mantém afastado, mas que constitui sua sombra.

Os dias que ela forjara haviam-se rompido na crosta e a água escapava. Estava diante da ostra. E não havia como não olhá-la. De que tinha vergonha? É que já não era mais piedade, não era só piedade: seu coração se enchera com a pior vontade de viver. Já não sabia se estava do lado do cego ou das espessas plantas.

Objetos, bichos e plantas são humanizados enquanto as pessoas são reificadas. Nada está fixo, tudo é devir, tudo está em trânsito, num movimento constante e instável que Ana tenta interromper, estancar, apreendendo numa existência desafetada que se contrapõe a uma vida -- impossível de ser vivida -- verdadeira, de experiências que produzem movimento, que dizem de um ser e estar vivos no mundo. O assassinato de uma formiga a convoca e ela se desfaz num desassossego sem adjetivos ou substantivos que a contenham e contenham o que não tem nome. A matéria de que é feita, *sucos roxos*, escorre metamorfoseada em planta, bicho, ostra; Ana vê a si mesma desfeita, separada, suas vísceras expostas e largadas pelo chão, sem poder distinguir o limite entre a realidade e o sonho/imaginário. Morte e vida confundem-se. Aqui, a morte não remete à finitude, mas à vida. “E a morte não era o que pensávamos.”, Ana desabrocha “morta e vigorosa” como as plantas, como o suco escuro, mas vivo e intenso. No Jardim que se converte em floresta, o escuro de Ana, estranho nela exposto como as sementes e os sucos das plantas, dos filhos *sumarentos*.

“(...) como se ela estivesse grávida da vida mais fina do mundo.” Como se fosse possível “comer as palavras” e os troncos fossem abraços. “Grávida e abandonada”, como se, na certeza da impossibilidade da plenitude, restasse a pura suscetibilidade, o ser em carne viva: vísceras, fluidos escorrendo sem proteção, sem mediação, experiência no sentido radical que subverte os sentidos, o entendimento, a ordem do mundo. Ela não vê claro, vê “um enxame de insetos”. Agora, o nojo, a dor, o inferno. Não o “mais ou menos”, mas o absoluto ao qual Ana se vê fundida, indistinta.

Nas árvores as frutas eram pretas, doces como mel. Havia no chão caroços secos cheios de circunvoluções, como pequenos cérebros apodrecidos. O banco estava manchado de sucos roxos. Com suavidade intensa rumorejavam as águas. No tronco da árvore pregavam-se as luxuosas patas de uma aranha. A crueza do mundo era tranqüila. O assassinato era profundo. E a morte não era o que pensávamos. Ao mesmo tempo em que imaginário – era um mundo de se comer com os dentes, um mundo de volumosas dalias e tulipas. Os troncos eram percorridos por parasitas

folhudas, o abraço era macio, colado. Como a repulsa que precedesse uma entrega – era fascinante, a mulher tinha nojo, e era fascinante.

As árvores estavam carregadas, o mundo era tão rico que apodrecia. Quando Ana pensou que havia crianças e homens grandes com fome, a náusea subiu-lhe à garganta, como se ela estivesse grávida e abandonada. A moral do Jardim era outra. Agora que o cego a guiara até ele, estremecia nos primeiros passos de um mundo faiscante, sombrio, onde vitórias-régias boiavam monstruosas. (...) A decomposição era profunda, perfumada... (...) Sob os pés a terra estava fofa, Ana aspirava-a com delícia. Era fascinante, e ela sentia nojo.

Nesse conto – como em toda a obra de Clarice Lispector – convivem oposições inconciliáveis, que não se complementam e são, antes, uma expressão da condição cindida dos personagens, cuja integração e convivência com seu outro, sua diferença, não pode ser suficientemente assimilada e transformada. Na obra clariceana há uma relação de continuidade entre ela e os personagens – seu corpo, o corpo em partes – e o mundo: as coisas, a realidade, também em partes, sendo, elas próprias uma mediação, um anteparo entre Clarice e o mundo. Não por acaso, Ana diz ser mais fácil ser santo (“um separado”) do que pessoa, dentro e fora do mundo.

Ela volta pra casa, na iminência de um desastre, “com aquele vago sentimento de asco – nojo, náusea – que a aproximação da verdade lhe provocava, avisando-a.” Abraça o filho, quase a ponto de machucá-lo. Como suportar um amor dessa dimensão? “Fora atingida pelo demônio da fé.” O amor, a fé não podem ser integrados como “objetos bons”, mas sentidos de modo cindido, separado, como é Ana. Sua misericórdia pelo cego era “violenta”; seu amor, sua piedade são “outros”; “não era com esse sentimento que se iria a uma igreja”.

Finalmente, Ana chega a sua casa e tenta se reconstituir, reconstituindo a ordem.

Andava de um lado para o outro na cozinha, cortando os bifés, mexendo o creme. (...) O que o cego desencadeara caberia nos seus dias? Quantos anos levaria até envelhecer de novo?

A vida parece estar exposta de uma maneira insuportável.

O pequeno horror da poeira ligando em fios a parte inferior do fogão (o “inferior” dela mesma, exposto) onde descobriu a pequena aranha. Carregando a jarra para mudar a água – havia o horror da flor se entregando lânguida e asquerosa às suas mãos.

“O cego pendia entre os frutos do Jardim Botânico” – confinado, como flor exótica ou bicho engaiolado, na impossibilidade da integração da diferença de si mesma, em si mesma. O estouro do fogão traz Ana de volta. O marido – avesso do cego – a afasta do perigo. As

personagens de Clarice estão absolutamente sozinhas: o marido não a acompanha, não está com ela, mas pertence “ao outro lado”. “Acabara-se a vertigem da bondade”.

A vida oscila entre a organização, o “entendimento” e a experiência, vivida como desagregação, disrupção, mas que traz, em si, algo que alimenta, sopro vital, fluido de vida sem o qual se morre oca, vazia, como parece Ana quando, finalmente, consegue se refazer: “E, se atravessara o amor e o seu inferno, penteava-se agora diante do espelho, por um instante sem nenhum mundo no coração. Antes de se deitar, como se apagassem uma vela, soprou a pequena flama do dia”.

Neste romance inconcluso, em que os pares antitéticos – bondade-maldade, amor-ódio, etc. – não se excluem, fica a dúvida: Ana sopra e apaga a vida ou aceita o escuro?

Referências

FIGUEIREDO, L.C. *A Fabricação do Estranho: notas sobre uma hermenêutica “negativa”*. Palestra proferida na Escola Municipal de Iniciação Artística do município de São Paulo em 1993.

FREUD, S. artigo *O Estranho* in: *Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Imago, 1987, vol. XVII

FREUD, S. *Delírios e Sonhos na Gradiva de Jensen*, Rio de Janeiro: Imago, 2003

KOLTAI, C.(org.) *O Estrangeiro* São Paulo, Escuta, Fapesp: 1998

HANNS, L. *Dicionário comentado do alemão de Freud*, Rio de Janeiro: Imago, 1996

LISPECTOR, C. *Laços de Família*, 25ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994.

**THE OTHERNESS IN THE LITERATURE OF CLARICE LISPECTOR: A reading of
the short story *Love* based on psychoanalysis.**

ABSTRACT:

This paper is a reading of the short story “Love” by Clarice Lispector, from the psychoanalytic concept of “Family-stranger”, which follows the discussion of the alterity in the psychoanalytic tradition. Psychoanalysis operates as a place for listening derived from the experience of reading the work. The focus of work is in the relationship between work and a reader, which derive elements of metapsychology.

KEYWORDS: Interpretation. Alterity. Psychoanalysis. Literature

**L’AUTRE DANS L’OEUVRE DE CLARICE LISPECTOR: Une lecture du conte
Amour depuis la psychanalyse**

RESUMÉ:

Cet article est une lecture du conte “Amour” de Clarice Lispector, à partir du concept psychanalytique du “Étranger-familier”, dont découle la discussion sur l’altérité dans la tradition psychanalytique. La psychanalyse fonctionne comme un lieu d’écoute de la littérature, dérivé de la expérience de la lecture. La mise au point du travail se trouve dans la relation entre le travail et le lecteur, qui tirent les éléments de la métapsychologie.

MOTS-CLÉS: Interpretation. Altérité. Psychanalyse. Littérature

Recebido em 27/02/2014

Aprovado em 17/04/2014

2014 Psicanálise & Barroco em revista

www.psicanaliseebarroco.pro.br

Núcleo de Estudos e Pesquisa em Subjetividade e Cultura – UFJF/CNPq

Programa de Pós-Graduação em Memória Social – UNIRIO.

Memória, Subjetividade e Criação.

www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php

revista@psicanaliseebarroco.pro.br

www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista